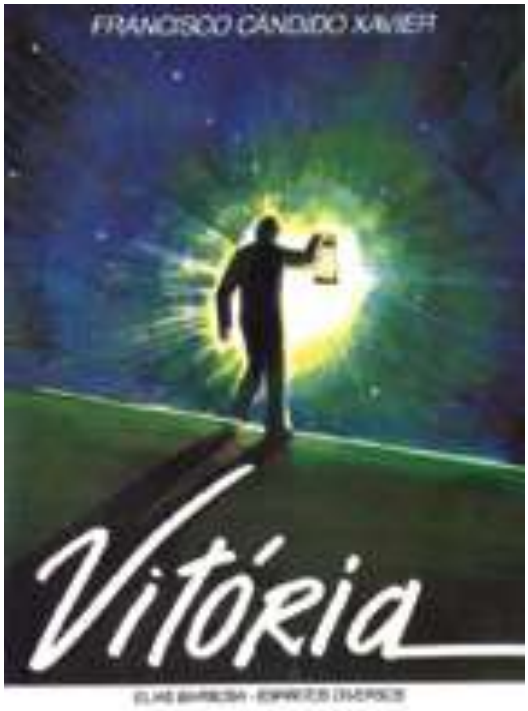

VITÓRIA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS

ÍNDICE

../../../../../../A-RogÃ©rio/Espiritismo/Livros/Obras do Chico para arrumar/VitÃ³ria (285)/MEDIUNIDADE.htmMilton Higino de Oliveira 03

../../../../../../A-RogÃ©rio/Espiritismo/Livros/Obras do Chico para arrumar/VitÃ³ria (285)/MEDIUNIDADE.htmPaulo Borges Silva 07

../../../../../../A-RogÃ©rio/Espiritismo/Livros/Obras do Chico para arrumar/VitÃ³ria (285)/MEDIUNIDADE.htmRenata Zacarro de Queiroz 11

../../../../../../A-RogÃ©rio/Espiritismo/Livros/Obras do Chico para arrumar/VitÃ³ria (285)/MEDIUNIDADE.htmServilio Marrone 16

../../../../../../A-RogÃ©rio/Espiritismo/Livros/Obras do Chico para arrumar/VitÃ³ria (285)/MEDIUNIDADE.htmWaldemar Vieira 19

MENSAGEM I

Querida Mamãe, meu pai, abençoe-me.

A emoção ainda é grande.

Tão grande que me senti quase incapaz de escrever como desejamos.

Lembranças mais vivas de tudo e de todos.

Ânsia de trabalhar com mais segurança no auxílio a todos os corações que amo tanto.

Ainda assim, é preciso conformar-me e seguir adiante com as possibilidades que disponho.

Creia porém, Mamãe, que suas vibrações de paz e coragem ainda são o meu apoio.

Às vezes, vem a insatisfação, a tristeza aparece, o desânimo ameaça e a luta por dentro de mim se intensifica.

No entanto, vejo-a sempre atenta ao menor sinal de desalento em mim, a chamar-me com suas preces.

"Bom ânimo, meu filho! Confiança em Deus!"

Ouço-a pela acústica do pensamento e me levanto, espiritualmente, de novo.

Meu avô Manoel me convida à firmeza, e outros amigos me auxiliam a erguer as energias de dentro para caminhar.

Caminhar fazendo o possível por beneficiar a outros.

Tarefa difícil.

Remover as cinzas dos corações alheios que se acreditam vencidos e guardam a idéia de desertar.

E eu que ando na condição de necessitado de energias, devo falar de resistência e de fé a esses mesmos irmãos cuja vontade periclita, como que balançando entre os propósitos de viver e morrer.

Aqui, segundo observo, o nosso engajamento em serviço começa habitualmente por onde terminamos a nossa atuação na experiência humana.

Somos induzidos por nossos instrutores a colaborar em favor daqueles que sofrem de nossos próprios males – os males que se fizeram veículos de nosso regresso.

Quem passou na escola das provações por determinados erros, são os que conseguem mais força para sustentar aqueles que se encontram, no mundo, quase caindo nas mesmas falhas, cujos efeitos conhecemos.

Felizmente, consigo trabalhar um tanto mais, agora que minha readaptação à Vida Espiritual se vai consolidando...

Devo seguir os amigos a quem a idéia de fuga vai formando corpo, a fim de que se desvencilhem dessas sombras que, sem auxílio de outros, acabam ás vezes, por dominar.

Não posso dizer que sofro, senão em mim próprio com as conseqüências do fato que eu mesmo devia evitar.

Amizades se multiplicam, e tarefas se ampliam sempre, mas, no íntimo, aquele desejo de corrigir a costura dos dias em que me acompanha a imaginação...

Procuro agir e melhorar-me, no entanto, sempre criando em mim a intenção de voltar à escola para reaprender as lições.

A querida vó Hipólita me explica que isso levará muito tempo, ainda...

É preciso recriar minhas forças, trabalhando, e por isso peço aos meus me ampararem ainda, com as energias necessárias.

Hoje, penso que uma prece em favor de alguém que se ache na Espiritualidade é uma espécie de empréstimo de recursos para que nossa carência de forças diminua, ou desapareça, até que possamos retornar a normalidade.

Isso, Mamãe, é a explicação do meu caso particular.

Creiam todos, porém, que os empréstimos de energia que me fazem dão para equilibrar a situação, na qual me vejo em trânsito para o melhor a ser alcançado.

Não julgue, Mamãe, que me aprisione ainda a objetos e pequenas disponibilidades da Terra.

Pudesse eu haver deixado bastante material para ser aproveitado por outros e estaria mais feliz.

Para a minha responsabilidade, deixei mais lágrimas e preocupações do que qualquer outra coisa, e esteja convencida de que sua bondade de mãe não lhe deixa ver isso.

Para os pais, os filhos simplesmente são tesouros que largam tesouros por onde passam...

Mas eu sou filho e sei quanta inquietação lhe impus em família.

Peço a Deus para que nosso querido Nelson e nossa querida Ipe sejam doadores de bênçãos aos pais que por mim tanto fizeram...

Estou, felizmente desculpado, e isso me encoraja a devolver em serviço aos companheiros necessitados de paciência e esperança parte da dívida a que me reconheço ligada para com a família querida que me viu nascer...

Muito grato por todas as dádivas que recebo diariamente de todos – dos pensamentos amigos, das lembranças, das orações, das flores que me parecem antenas de saudade e de amor transmitindo mensagens silenciosas de amor e saudade entre nós.

Estou reconfortado e agradecido.

Vovó Hipólita lembra à senhora e à tia Carmem o cuidado com a saúde, e afirma que vem colaborando em apoio da vovó Dolores, nos idas que vão passando.

Estamos todos nos desígnios de Deus e devemos esperar o melhor da vida, porque tenho aprendido e tenho visto que a Providência Divina somente nos fornece o melhor para nós.

Deus nos concede sempre o bem e o uso desses bens sô Eterno Bem, na forma de nosso emprego, pertence a nós.

Meu abraço a todos, com meus votos para que o Papai continue forte e tranqüilo.

Mamãe, estou muito agradecido ao seu carinho constante, em que estamos os dois naquele sistema de falar pouco nos assuntos desagradáveis e meditar muito, com respeito a eles.

Dos amigos, recebo as recordações de quando em quando, mas virá o dia em que todos nós nos reuniremos de novo.

Agradeço muito as preces e vibrações de paz que me ofertaram, nesta noite.

Deus me fará merecedor de tanto amparo.

Papai, o vô Manoel me recomenda dizer-lhe que continue trabalhando para o benefício da vovó Octávia.

E assim, todos seguimos bem, porque todos buscamos o melhor com a benção de Deus.

Mas sei, conforme disse, que isso me exigirá muito tempo ainda.

Sem especificar nomes, gravo aqui lembranças de todos e para todos os nossos.

Recebam meu próprio coração em forma de agradecimento.

Querida Mamãe, sinta minha presença alegre a tartear-lhe os cabelos e guarde com o Papai o amor e a gratidão de todos os dias, com muitas saudades e esperanças do filho que sempre grato, sempre cada vez mais reconhecido,

Milton.

MENSAGEM II

Querida Mamãe, abençoe-me.

Peço a tranqüilidade e sua alegria de viver.

Trabalhemos por nosso Nelson, que necessita paz e confiança na vida.

De minha parte, estou melhorando...

Estou sadio e firme na fé, mas temos os problemas de dentro de nós mesmos, sobre os quais necessitamos melhoras.

Ao querido irmão e a todos os nossos, os meus pensamentos de afetuosa gratidão.

Quanto a nós dois, com meu pai, estamos sempre sintonizados no mesmo fio, a repetirmos de um para os outros que tudo está bem.

Já sei que a senhora, Mamãe, dirá com sua calma que se tudo não estiver bem, estará bem assim mesmo.

E eu digo que, graças a Deus, tudo segue em paz.

Um beijo de muita coragem e de muito reconhecimento do seu

1000ton

Milton Higino de Oliveira – 1000ton – um dos integrantes de Claramente Vivos – págs. 89-106 – e de Vozes da Outra Margem (Francisco Cândido Xavier, Hércio Marcos C Arantes, espíritos Diversos, IDE, Araras (SP), 1987, pp. 99-102), nasceu em Uberaba, a 21 de fevereiro de 1947, aí desencarnado por suicídio com arma de fogo, a 30 de julho de 1972.

Filho do Sr. João Batista de Oliveira, residente à Rua Visconde do Rio Branco, 41, fone: 332-0068, e de D. Maria Higino Batista, que veio a desencarnar, em conseqüência de embolia cerebral (submeteu-se a uma neurocirurgia, no dia 19 de agosto), a 21 de setembro de 1986.

Mensagem I, recebida a 1º de agosto de 1979.

1 - “Ouço-a pela acústica do pensamento e me levanto espiritualmente de novo”: Importância da prece no socorro aos desencarnados, Felicíssima, D. Maria, hoje, deve estar orando ao lado do seu querido filho, liberta que se encontra do corpo físico.

2 - “Aqui segundo observo, o nosso engajamento em serviço começa habitualmente por onde terminamos a nossa atuação na experiência humana? Somos induzidos por nossos instrutores a colaborar em favor daqueles que sofrem de nossos próprios males – os males que se fizeram veículos de nosso regresso. / Quem passou na escola das provações por determinados erros, são os que conseguem mais força para sustentarem aqueles que se encontram, no mundo, quase caindo nas mesmas falhas, cujos efeitos conhecemos.” Lembramo-nos da primeira viagem que fizemos a Pedro Leopoldo, a 22 de Julho de 1955, ao

final de uma reunião pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, o médium Chico Xavier falou de a um senhor, que o inquiria, sobre o método que devemos adotar, na cura da obsessão:

- Meu amigo, todos nós temos uma certa cota de obsessão para o gasto. E o melhor meio de nos livrarmos dela, é trabalhar no socorro aos que estão mais obsidiados do que nós, com muita dedicação, disciplina e responsabilidade.

Por outras palavras, o Espírito de Milton diz o mesmo, confirmando o que afirmam os que lidam com doentes mentais: é que eles – os psiquiatras e outros profissionais da área – continuam saudáveis porque, cuidando da loucura dos outros, estão cuidando da sua própria loucura.

Muito importante tudo isso para nossa meditação.

3 - "Procuro agir e melhorar-me, no entanto, sempre criando em mim a intenção de voltar à escola para reaprender as lições. / A querida vó Hipólita me explica que isso levará muito tempo, ainda...": Como deixa claro, Milton já pensa no seu retorno à Vida Planetária, em novo corpo físico, e nos parágrafos seguintes, nos mostra o quanto a prece – "uma espécime de empréstimo de recursos" – é imprescindível aos Espíritos em luta na erraticidade.

4 - Vó Hipólita: Bisavó materna, D. Hipólita dos Santos, já desencarnada.

5 - "Nosso querido Nelson e nossa querida Ipe." Irmãos do comunicante. Ipê: Srta. Maria Eurípedes.

6 - Tia Carmem: Tia materna, D. Carmem Higino dos Reis, nasceu em Conquista, Minas Gerais, a 23 de outubro de 1921, e desencarnou em Uberaba, a 28 de janeiro de 1983. Grande amiga do médium Chico Xavier, era dedicada colaboradora do Grupo Espírita da Prece.

7 – Vovó Dolores: Avó materna, desencarnada em Uberaba, a 4 de Novembro de 1979.

8 – Vô Manoel: Avô paterno, Sr. Manoel Antônio de Oliveira, desencarnado em 1941.

9 – Vovó Otávia: D. Otávia Benedita dos Reis.

MENSAGEM II, RECEBIDA A 18 DE AGOSTO DE 1983.

Bilhete dos mais expressivos, que vem demonstrar o quanto o Autor Espiritual vem trabalhando em favor dos candidatos ao suicídio, no Plano Físico, insuflando-lhes pensamentos de coragem, otimismo e paciência ante os embates da vida, naturalmente arregimentando força e coragem para, no futuro não muito distante, voltar à liça terrestre para os testes redentores, necessários a todos nós, Espíritos endividados perante a Lei da Causa e Efeito, a caminho da quitação completa dos compromissos assumidos no Grande Pretérito, sob a proteção do Divino Mestre, e, particularmente em relação aos suicidas, sob o olhar misericordioso de Maria de Nazaré.

VOTOS DE PAZ E CORAGEM

Querida Mamãe Norma, receba com meu pai e com os meus irmãos os meus votos de paz e coragem, a fim de vencermos todos os obstáculos do caminho.

Então, é verdade Dona Norma, que você passou o dia, recordando a necessidade de promover um bolo que me alegrasse os vinte e dois anos?

Passei horas em casa, e notei a nuvem de saudade que lhe cobria o coração.

Nuvem que se desfazia em chuva de pranto, que o seu carinho procurava esconder para não afligir a ninguém.

Agradeço, Mamãe, as suas lembranças.

Também eu me afundava nas recordações dos aniversários passados, mas, de repente, me lembrava de que precisava cooperar na paz da família, e voltava à tona da realidade para assumir a vida.

Perdoem-me se lhes dei tanto trabalho com a queda que me cortou o fio da existência do corpo físico.

O choque foi muito grande e, conquanto me desse à idéia de que achava sem sentidos, pela incapacidade de me movimentar, tive, ainda em meu favor, alguns minutos para pensar.

Realmente a sua ternura de mãe e a bondade de meu pai estavam comigo, qual se por um fenômeno desconhecido para mim, eu estivesse misturando Brasília a Uberaba numa faixa única de apego afetuoso, mas tribulava-me a idéia de que daria muito trabalho à nossa Lívia...

Não consegui, porem, mobilizar o meu corpo como desejava e então, chorando à feição de uma criança acidentada, entrei em um desmaio, que somente depois vim a saber que se tratava da desencarnação.

Isso, no entanto, quando já me achava em casa, quando despertei com a cabeça mergulhada num círculo enorme de perturbações.

Não me sentia muito lúcido, quando uma senhora se abeirou de mim e me perguntou se não a conhecia...

Respondi negativamente, entretanto, com indizível bondade, ela me recomendou chamá-la por avó Maria Fernandes, enquanto um senhor me surgiu à frente, informando-me que ele viera colaborar em meu auxílio, em nome do Dr. Bezerra de Menezes.

Recordei as conversações de meu pai e agradeci.

Outro amigo me abarcou, declarando-se ser o Dr. Odilon Fernandes, que vinha ao meu encontro por lembrança do meu pai.

Querida Mãezinha Norma, entendi tudo quanto ocorrera, porque eu guardava os conhecimentos de nossas impressões do Mundo Espiritual, que em nossa casa eram freqüentes.

A senhora me afastou com muito carinho, alegando que eu precisava descansar, e, sentindo-me tão menino como no tempo em que me acomodava em seu colo, dormi profundamente, amparado por aquela criatura dedicada e afetuosa, que se dizia minha avó.

Despertei em outro local, onde fui tratado convenientemente, porque ainda registrava muita dor na cabeça.

Entrei nos diálogos com os amigos daqui, de minha vida nova, sem dificuldade para compreender o que me explicavam.

Lembrei-me com tristeza de que o Papai, embora não ma contrariasse, no íntimo parecia desejoso de que eu permanecesse nos estudos em Uberlândia, e senti pesar por haver insistido em procurar maiores contatos com a música em Brasília, tomando uma estrada diferente daquela em que me iniciara.

Lutei comigo mesmo para não cair de desapontamento e remorso, mas meu avô José, que passou também a me auxiliar, me reconfortou dizendo que o meu tempo na experiência terrestre seria curto, e que se estivesse estudando em Uberlândia, teria sofrido a queda de que fui vítima.

Desse modo, Mamãe Norma, peço ao seu coração e a meu pai receberem estes informes, com os quais procuro dar um esclarecimento sobre o que me aconteceu.

Ainda me vejo algo difícil, sem muita segurança para falar de meu próprio caso, mas saibam que estou envolvido em saudades muito grandes de nossa casa feliz.

Mãe, a pessoa não se desvincula do amor à família, assim qual muita gente acredita.

O Antônio, meu irmão, e a Lívia, o André, o Aulus, Stella, o Eduardo, estão todos em minhas saudades grandes.

Estimaria tanto ter demorado em nossa casa, a fim de ser útil a meu pai, de algum modo, pois sempre o vi trabalhando e lutando para garantir o nosso reconforto, no entanto, os Desígnios de Céu eram diferentes dos meus desejos, e me sinto frustrado por não ter usufruído mais tempo, de modo a cooperar com meu pai.

Ainda assim, não me faltam a esperança e a fé em Deus.

Dona Norma, agora, conquanto a lágrima de saudade que me ficam por dentro do coração, é hora de dizer que volto novamente com meu avô José para o meu novo clima de moradia, mas não posso dizer isso sem repetir-lhe os agradecimentos pelo grande bolo, enfeitado e lindo, que, em pensamento, recebi de suas queridas mãos.

Aos irmãos, minha grande saudade e, reunindo o seu coração e o coração de meu pai num grande abraço, beijo-lhe os cabelos e as mãos queridas o seu filho que muito lhes deve e que lhes será sempre grato.

Paulo Borges Silva

Em lúcido antigo – “A Volta de Paulinho” -, publicado em A flama Espírita, de 21 de setembro de 1985 (Ano XXXIX, Segunda fase, nº 2.536), eis o que diz Roberto Mendes Juliano (1963-1986), sobre Paulo Borges Silva e a consoladora mensagem que transmitiu através do médium Xavier:

“Decorridos 147 dias desde a desencarnação de Paulo Borges Silva, na data de seu aniversário natalício, quando completaria 22 anos, tiveram seus pais e demais familiares queridos a incomparável alegria de receber dele mensagem psicografada através da mediunidade abençoada de Francisco Cândido Xavier, em 29-03-1985, no final da reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba-MG.

Paulo era natural de Uberaba, nascido em 29-03-1963. Jovem muito alegre, dinâmico e inteligente, graças a esses verdadeiros dotes pessoais, desfrutava de amizade e consideração de incontável número de amigos e colegas. Por muito tempo, participou da Mocidade Espírita “Hennrique Krügger”, nesta cidade, onde sempre demonstrou exemplar interesse e conhecimento de nossa Doutrina. Fez, no Colégio N.S. das Graças, seus estudos de 1º e 2º

graus, sendo marcante o fato de haver prestado, para experiência, ao meio da 3ª Série (final), os Vestibulares de Odontologia à FIUBE e sido aprovado. Ao terminar o 2º grau, foi aprovado nos Vestibulares de Engenharia Civil da Universidade Federal de Uberlândia, curso este que freqüentou até o 5º Período. Na mesma UFU, participava do Coral, cantando entre os baixos, tendo destacada e aplaudida atuação na ópera "Cavalheria Rusticana", de Pietro Mascagni.

Em 1984, prestou Vestibulares de Música, resultando aprovação e ingresso na Escola de Música de Percussão do Distrito Federal. Trabalhava, inclusive, no Banco Nacional de Brasília.

No dia 27 de outubro do mesmo ano, após participar dos ensaios da Banda Sinfônica de Brasília, ao dirigir-se ao Teatro Nacional, onde assistiria à ópera "Porgy and Bess", de George Gershwin, na Sala "Villa Lobos", sofreu acidente de tal gravidade, que lhe roubaria a vida, ao cair num fosso do Teatro, conforme noticiou o "Correio Brasiliense", em 6 do mês seguinte.

Na mensagem de Paulino, podemos entrever a notável evolução espiritual do comunicante, assim como os dados e a linguagem que a enriquecem e lhe conferem maior autenticidade, provando, também, uma vez mais, a imortalidade da alma."

Esclarecimentos

Paulo Borges Silva nasceu em Uberaba, Minas, a 29 de março de 1963, desencarnando em Brasília, Distrito Federal, a 2 de novembro de 1984, tendo seu corpo sido sepultado em Uberaba. Filho de nossos confrades, Sr. Antônio Borges da Silva e D. Norma Borges da Silva, residentes na Av. Alberto Martins Fontoura Borges, 397 – Apto. 106 -, Tel. 332-4558.

Maria Fernandes de Oliveira: Bisavó materna do comunicante, nascida em Morrinhos, Estado de Goiás, a 6 de Janeiro de 1884 e desencarnada no Rio de Janeiro, RJ, a 5 de março de 1957.

José de Carvalho: Avô paterno, nascido em Brodósqui, Estado de São Paulo, a 26 de abril de 1896, e desencarnado em Uberaba, a 4 de junho de 1963.

Lívia, Antônio,André, Stella, Aulus, Eduardo e Renata: Irmãos do comunicante.

Na seguinte entrevista, que fizemos com os senhores pais de Paulinho, a 29 de setembro de 1985, mostraram-nos eles uma página manuscrita, a lápis, do inesquecível filho, escrita pouco tempo antes da desencarnação, e que se encontrava entre os seus guardados.

Comprovando a tese de que temos, inconscientemente, conhecimento de tudo que poderá ocorrer conosco, a qualquer momento, ei-la, com toda sua beleza:

"Acho que devemos nos cuidar.

E viver a vida com mais intensidade.

Pois, se pensarmos bem, ao mesmo tempo que estamos vendo a notícia do último avião que caiu, poderemos, de repente, passar a ser manchete:

- é só o teto da sua casa cair sobre você.

- Por isso, devemos, antes de tudo, viver.

- VIVER é lógico, não significa apenas viver.

- Vem sempre ao lado, por exemplo, do amor.

- Desde o amor mais puro e singelo, até o amor mais ardente e apaixonante. E que também não deixa de ser puro.

- Quem sabe, também, não é hora de nos darmos mais.

- Não nos damos ao vizinho, ao irmão, às pessoas e, assim, não nos damos ao mundo.

- Muitas vezes (ou quase sempre?), não sabemos, e nem procuramos saber, a verdadeira dimensão de nossas vidas.

- E o belo, temos visto?

- Quanto da vida nos passa desapercebido!

- Mil e uma vezes, não distinguimos o que realmente de belo existe com o que achamos existir (e não existe).

- Nem tudo é uma simples questão de gosto individual.

- No entanto, o que realmente é triste, não conseguirmos, freqüentemente, encontrar a essência de nossas vidas, nós mesmos.

- Pois não: quantas vezes, nos perguntamos quem somos e, em todas elas, não sabemos responder.

- Por isso, precisamos, antes de mais nada, “nos viver” para, a seguir, poder viver o mundo.

- Não há razão para continuarmos a vida toda nesta rotina e, no final dela, fazemos a patética pergunta: “quem sou eu?”. DESCUBRA-SE.

- Ah! Antes que eu me esqueça, meu nome é Paulo.

- Me registro bem rápido, pois, de repente, a manchete poderá ser eu. Sic

(a) Paulo”.

"AUXILIA-ME COM SUAS PRECES E COM SEUS PENSAMENTOS DE PERDÃO"

Querida Mãezinha, abençoe-me.

Imagino o Papai Antônio Carlos ao nosso lado para rogar também a ele para que me queira bem e me perdoe.

Mãezinha, a sua dor se confunde com a minha.

Ainda não sei que força me tornou naquela quarta-feira.

Tive a idéia de que uma ventania me abraçava e me atirava para fora da janela.

Certamente devia imobilizar minha vontade e impedir que o absurdo daquele momento me enlouquecesse.

Obedecia maquinalmente aquela voz que me ordenava projetar-me no vácuo.

Quis recuar, mudar o sentido da situação, não consegui.

Nunca imaginaria que tanto sofrimento se seguia ao meu gesto.

Não desejo fugir às responsabilidades e inventar desculpas que não tinham razão de ser.

O que sei é que agi na condição de uma rã que uma serpente atraísse...

Mãezinha, que páginas de angústia e que culpa teria eu escrito em outros lugares para ser assim arremessada no ar com o meu próprio consentimento vencido?

Não senti qualquer dor quando meu corpo registrou o impactos do encontro com o piso do prédio.

Sentia que alguém me recolhia com as mãos repletas de amor.

Não me achava em condições de ver ou ouvir.

Tudo em e era um redemoinho qual se tivesse arrancada de casa, assim como a tempestade desloca para longe uma árvore forte com suas próprias raízes.

Um esmorecimento como seu eu estivesse quebrada sem dor localizável me possuiu de um todo e nada mais vi senão aquele branco na memória, quando caí no sono sem sonhos.

Somente depois, vim a saber que a Vovó Rosa me apanhara carinhosamente, sem permitir que o sofrimento me atingisse.

Mãezinha, peço-lhe que me perdoe.

Sei que arrastei as conseqüências da minha passividade diante da força que me dominou, mas espero que a bondade de Deus me conceda forças para refazer-me de todo, tanto quanto desejo...

Agora, o que sinto é a necessidade de colocar em suas mãos em forma de lágrima o arrependimento que me assombra.

Receba-me em seu coração, como nos tempos de criança rebelde.

Auxilia-me com suas preces e som seus pensamentos de perdão.

Estou melhorando, se bem que me vejo na posição de alguém com necessidade de muito socorro ortopédico, mas os nossos onde estou, são todos tolerantes e generosos para comigo.

Mau Avô Antônio, me recomendou não procurar qualquer investigação de retaguarda, afirmando-me que ele também sofreu muito com processos ocultos de hipnose destrutiva.

Compreendo e obedeço.

Mas não estou impedida de rogar o seu amparo em meu benefício e de rogar ao Papai e aos queridos Antônio e Ricardo esquecerem o que eu fiz ou o que fizeram comigo, para que os quadros de setembro desapareçam.

Mãezinha, desculpe-me de me demorar a escrever tudo o que sinto.

A Vovó Rosa me trouxe para dizer-lhe que tive culpa e não a tive totalmente.

Uma vertigem, um pensamento desorientado, uma compulsão louca e perdi tantas riquezas do coração e do lar.

Mamãe, Deus nos auxiliará na recuperação do que preciso.

Rogo ao Papai para que esqueça o meu gesto infeliz para ficar tranqüilo.

Tenho em mim que ele ainda não se harmonizou com a vida, depois da triste ocorrência de que me fiz o centro de dor.

Apesar de tudo, não quero perder a esperança e confiarei no socorro do amor Divino.

Mãezinha, a todos do nosso ambiente os meus pensamentos de gratidão, e para você o coração e a dor, a esperança e o reconhecimento de sua

Renata

Renata Zacarro de Queiroz

O material de que ora nos servimos para enriquecer este volume, chegou-nos às mãos, no dia 06 de abril de 1981, graças à gentileza de D. Vistoria Celma do Prado Lopes.

De duas cartas de D. Marusa, residente em São Paulo, Capital, à Rua Haddock Lobo, 959, 8º andar, apto 83, CEP 01414, endereçadas à D. Vistoria, respinguemos alguns dados esclarecedores sobre a mensagem que acabamos de ler, recebida pelo mediu Xavier, na noite de 18 de abril de 1980.

“São Paulo, 15 de Fevereiro de 1981.

Cara amiga Victória,

Espero que aí esteja tudo bem e com Deus.

Envio os folhetos com a mensagem de Renata para você distribuir aí e entregar uma ao seu amigo, que quer incluí-la num livro.

Se for preciso de mais para passar a outras pessoas que necessitem de consolo e quantas vezes for preciso publicar ou ser feito uso dela para beneficiar as obras de divulgação e que ela venha a dar paz e tranqüilidade a outras pessoas que precisem como eu precisei, aqui estarei às ordens para fazer nova remessa, imediatamente.

Mais uma vez, agradeço a sua hospedagem, aí em Uberaba, e peço desculpas por alguma coisa, mas realmente, eu estava e ainda estou fora do meu normal. É tudo muito difícil, todos tentam ajudar a gente, mas não sei, há dias em que é muito difícil e outros dias melhores. Não se enlouquece por que Deus ajuda muito e uma estranha força também nos ajuda, porque senão não sei como seria. (...)

Muito obrigada por tudo e que Deus a ajude sempre, ao seu marido e seus filhos, muita saúde e paz.

Telefonem para nós, quando vierem para São Paulo, ou, quem sabe, nós iremos até aí; eu gostaria muito de ver novamente o Chico e essas pessoas bondosas do Grupo Espírita da Prece; realmente, faz muito bem conversar com elas, assistir à reuniões delas, acho que estou muito necessitada; não estou me encontrando.

Abraços a todos, e me desculpe o desabafo.

(a) Marusa”.

"Uberaba, 4 de Março de 1981.

Amiga Victória,

Mais uma vez, muito obrigada por tudo; Deus lhe pague.

Envio o material que você pediu, somente não tenho uma foto pequena e bem grande, branco e preto; espero que esta sirva.

Um escrito dela: mando o próprio original, por ser uma folha solta de caderno, é algo a respeito de um rapaz de que ela gostava, não sei se servirá para o que a pessoa quer.

Enfim, são coisas que eu tenho e, com muito prazer, envio.

Gostaria de saber se um dia for publicado, em que livro isto estará, pois quero comprar o livro.

Se precisar de mais alguma coisa, pode me telefonar.

Qualquer, dia se Deus quiser, irei até aí.

Recomendações ao seu marido.

Beijos nas crianças.

Muito obrigada por tudo.

(a) Marusa".

Renata Zacarro de Queiroz, cuja cédula de identidade nº 038117 (registro geral nº 9.813.585), foi retirada em São Paulo, a 9 de junho de 1976, e o título de eleitor nº 550261, circunscrição em São Paulo, quinta zona, município de Cerqueira Cezar, residindo, na época, à Alameda Ministro Rocha Azevedo, retirado a 10 de Agosto de 1979, nasceu em São Paulo, Capital, a 16 de Julho de 1961, filha de Ântonio Carlos Bruschini e de D. Marusa Zacarro de Queiroz, e aí desencarnou, em conseqüência de suicídio, jogando-se de grande altura, através de uma janela, a 5 de setembro de 1979.

Tomando a liberdade de sugerir ao leitor consultar as páginas 33-62 do Anuário Espírita 1987, nas quais estudamos o processo obsessivo de modo geral e, particularmente, relacionado com os casos de suicídio, na seção "Leitura & Espiritismo" (1), e as páginas 98-99 de Claramente Vivos, onde encontramos a transcrição da parte inicial de importante mensagem de um escritor suicida, que se atirou pela janela de um hospital em que se submetia a tratamento de uma febre cerebral, na década de sessenta do século passado (Revista Espírita do ano de 1967, de Allan Kardec, pp. 21-22 da edição brasileira), chegamos à conclusão de que a belíssima página do Espírito de Renata é a confirmação calar do elemento obsessivo em todos os casos de suicídio.

Vejamos, por etapas.

1 - "Ainda não sei que força me tomou naquela quarta-feira./ Tive a idéia de que uma ventania me abraçava e me atirava fora da janela./ (...) Obedecia maquinalmente àquela voz que me ordenava projetar-me no vácuo./ Quis recuar, mudar o sentindo da situação, mas não consegui./ (...) O que sei é que agi na condição de uma rã que uma serpente atraísse...". Eis a prova inconcussa do assédio, de nossos irmãos chamados obsessores à presa de hoje, detentora de reflexos condicionados favorecedores do ato auto-eliminatório, alimentados pela culpa, na maioria das vezes, inconsciente.

2 - "Não senti qualquer dor quando meu corpo registrou o impacto do encontro com o piso do prédio./ Senti que alguém me recolhia com as mãos repletas de amor./ (...) Somente depois, vim a saber que a Vovó Rosa me apanhara carinhosamente, sem permitir que o

sofrimento me atingisse.”: Observemos com que diferença as coisas se passam com um homem que antes de se suicidar, atirando-se de uma torre, tornou-se alcoólatra, em completo desequilibro mental, num caso registrado por Allan Kardec”(2):

FRANÇOIS-SIMON LUOVET, DO HEVRE

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente numa reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863:

Tende piedade de um pobre miserável que há longos anos sofre de torturas cruéis! Oh! O vazio... o espaço... caio... caio... socorro! Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... era um pobre diabo, por vezes passei fome nos dias da velhice. Por isso me dei à bebida e tinha vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus, que momento!... Por que então deseja acabar, quando estão tão próximo do fim? Orai! Para que não seja sempre o vazio do abismo de mim... Vou me arrebentar nas pedras. Eu vos conjuro, vós que conheceis as misérias dos que não estão mais na Terra, eu me dirijo a vós, posto que não me conheçais, porque sofro tanto... Por que querer ter provas? Eu sofro: não chega? Se eu tivesse fome em vez deste sofrimento terrível, mas invisível para vós, não hesitaríeis em me aliviar, dando-me um pedaço de pão. Perguntai a um desses felizes que estão aqui e sabereis quem eu era. Orai por mim.

François-Simon Louvet

Logo a seguir o Espírito protetor do médium disse: Este que acaba de se dirigir a ti, minha filha, é um pobre infeliz que tinha uma prova de miséria na Terra, mas o desgosto o tomou, faltou-lhe a coragem e, infeliz, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, deu-se à embriaguez e desceu aos últimos limites do desespero; pôs termo à triste prova atirando-se da torre de São Francisco I, a 22 de Julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma que não é adiantada mas tem bastante conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus que lhe conceda esta graça e fareis uma boa obra. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim, Estou sempre pronto a vos dar ensinamentos. Se um bom Espírito não pudesse se comunicar convosco por falta de relações físicas, eu serei seu intermediário. Mas estais cercados de bons Espíritos e eu deixo que vos instruam. Perseverai na via do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve, os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meu bem amado, eu vos acompanho nas tristezas e nas alegrias. A paz esteja com todos.

Teu Espírito Protetor

Tendo-se feito buscas, foi encontrado no Journal du Havre, 23 de julho de 1857, um artigo, cuja substância é a seguinte:

“Ontem, às quatro horas, os transeuntes do cais, tiveram uma dolorosa impressão, de um acidente horrível: um homem atirou-se da torres e veio arrebentar-se nas pedras. Era um velho coitado, que a tendência para a bebida arrastou ao suicídio. Chama-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma das filhas, rue de la Corderie. Tinha sessenta e sete anos.”

3 - “Meu avô Antonio me recomendou não procurar qualquer investigação de retaguarda, afirmando-me que ele também sofreu muito com processos ocultos de hipnose

destrutiva.”: Oportuna a recomendação para não se investigar a retaguarda de sombras para não se cair novamente nas faixas do mal, vindo a sofrer, mais uma vez, a devastadora hipnose por parte daqueles que ainda albergam ódio e sentimento de vingança dentro de si, aguardando o momento do encontro com o Cristo que fatalmente se dará, só sabe Deus quando.

4 - “A Vovó Rosa me trouxe para dizer-lhe que tive culpa e não a tive culpa totalmente.”: Eis a síntese perfeita do que acontece em qualquer caso de obsessão: se não houver aquiescência, às vezes prazerosa, masoquista, quase sempre inconsciente, por parte do obsidiado, em decorrência da culpa, tão bem estudada por Jean Piaget (1896-1980), distinto psicólogo e pedagogo suíço, na criança, culpa esta albergada na intimidade do seu ser, obsessor algum conseguirá qualquer domínio sobre quem quer que seja. Há necessidade a convivência por parte do que passará a ser catalogado como sendo obsidiado.

Concluindo este capítulo, transcrevemos a página manuscrita de Renata, a qual se refere sua genitora na segunda carta à D. Victoria, a fim de que possamos aquilatar o quanto estava preparada a Autora Espiritual para nos trazer, após a desencarnação, tão profundos ensinamentos sobre o processo obsessivo, “parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo”, segundo Allan Kardec:

“Os dias vão passando e o seu nome vai aos poucos sendo apagado da minha cabeça”.

Mas ainda existe muito de você em mim.

Músicas, carros, lugares, tudo me faz lembrar de você.

Esses dias em que eu não te vi, me deram uma paz espiritual tão grande, porque embora você estivesse longe, eu te sentia ao meu lado.

Mas era uma coisa calma, uma coisa boa...

Agora, eu estou me sentindo mais “eu”, porque as coisas estão “numa boa”... (...)

Ao te ver ainda me baqueia, mas é um sentimento agora que me parece mais puro, alguma coisa que eu sei não está longe de acabar.

3/3/79.”

SERVILIO MARRONE

"MEUS AMIGOS, MEU AMIGOS, TRABALHAREMOS E TRABALHAREMOS"

Meu caro Durval, Deus nos guarde e ilumine.

Se pudesse, materializaria meu próprio coração, diante de vocês, os irmãos de Campinas, para dizer-lhes o amor e a fé viva em que todos nos reunimos.

Devo, porém, conformar-me ao lápis singelo e dele me valho para saudar a vocês todos.

Sim, é o trabalho no bem a única diretriz!

Sigamos, desse modo, sem vacilar, para frente, consagrando a melhor atenção á nossa sementeira de luz.

Doutrina Espírita não é uma legenda de simples convicção.

É apelo ao serviço de nosso próprio burilamento, escola de perfeição, oficina de luta, campo de benção...

E esses dons de deus, meus amigos, devem ser traduzidos em nós com atividades edificantes.

Não aguardem a morte para verificar, porque a morte é exame, conta, renovação...

Todos nossos companheiros de construção, no Mundo Espiritual, acusam balanço deficitário.

Todos se queixam de tempo perdido.

Isso, porque, de todos os ricos da fé, somos realmente os mais ricos, porquanto os esclarecimentos da Vida Eterna e da Eterna justiça permanecem conosco.

Atendamos, pois, meus irmãos, ás tarefas que a esfera maior nos concedeu, na atualidade.

Sigamos agora no rumo da plantação valiosa do livro espírita.

Não esmoreçam.

Doemos á mensagem dos nossos princípios um lar; ainda humilde, no coração da nossa cidade.

E sirvâmo-Lo.

Uma página espírita é luz no caminho.

Façamos essa claridade sublime, na senda de nossos irmãos em necessidades maiores que as nossas.

Mas façamos a obra com humildade e renúncia.

Se ataques surgirem, saibamos perdoar e compreender.

Se escárnio e perseguição aparecem dentro do nosso esforço evangélico, procuremos abençoar.

E que a união verdadeira seja o nosso clima de cada dia, na certeza de que a bênção do Mestre nos acompanha, toda vez que nos convertamos em fiéis instrumentos de seu infinito amor.

Sobretudo, na hora presente, ajudemos nosso irmão Benedito na obra assistencial, incentivando-lhe a fibra de lutador pela vitória do bem.

A realização nos pertence.

Onde esteja a Doutrina Espírita, aí permanece a mão de Jesus chamando-nos ao trabalho.

Nesse sentido, rogo a vocês todos auxiliarem aos nossos jovens que se preparam, atualmente, para a grande reunião de fraternidade.

São eles nossos filhos de coração.

Amparemos a iniciativa em que procuram fazer o melhor.

Se possível, cooperem coma nossa irmã Therezinha, sobrecarregada de responsabilidades para atender ao movimento, ao lado dos companheiros da juventude.

Saibamos expressar a nossa confiança espiritual em nossa ação incessante pelo triunfo esperado de nossa causa, que, em tudo, é a causa do Evangelho Renovador.

Guardemos, assim, esperança e lealdade, serviço e contentamento.

Não se creiam sozinhos.

Conosco, antigos pioneiros de Campinas oram nesta noite, rogando a Jesus que nos ampare.

Nossos irmãos Alfaia e Souza Ribeiro estão comigo e estendem-lhes as mãos.

Meus amigos, meus amigos, trabalhemos e trabalhemos.

Hoje, vocês desfrutam a possibilidade de semear.

Amanhã, como nós, estarão na hora de recolher.

Lembrem-se de que o velho amigo, que lhes endereça estas palavras, voltou quando menos esperava o regresso!...

E que a lembrança de nossos compromissos palpite em nossa memória, sempre mais pura.

Recebem, portanto, com esta carta despretensiosa, nascida em meu coração, o abraço do servidor e amigo de sempre.

Servilio Marrone

Por permanecer inédita em livro a belíssima página acima, se Servilio Marrone, dirigida aos espíritas de Campinas, Estado de São Paulo, que na noite de 18 de janeiro de 1960, em caravana, visitam o médium Chico Xavier, em Uberaba, concitando-os a permanecerem em constante trabalho de renovação espiritual, humildade e renúncia, em prol dos irmãos em provações maiores do que as nossas, motivo por que resolvemos incluí-la neste volume, servindo-nos dos mesmos dados de que nos valemos na organização de Gabriel (*), graças á gentileza do Sr Gabriel Espejo Martinez, residente naquela progressista e culta cidade paulista.

Nasceu Servilio Marrone em Campinas, a 26 de abril de 1912, aí desencarnando, a 4 de janeiro de 1955.

Um dos baluartes do Espiritismo, na terra de Carlos Gomes, ministrava aulas de Evangelho aos jovens da Mocidade Espírita Allan Kardec, tornando-se um dos mais dedicados médiuns passistas, procurando, com desvelo, atender os enfermos incapacitados de se dirigirem ao Centro Espírita, em suas próprias casas.

Juntamente com Gustavo Zanardine Marcondes (1900 - 1968), um dos fundadores do Centro Espírita Allan Kardec, de que foi Secretário até o dia de seu retorno á Espiritualidade, tendo colaborado na construção do prédio próprio do referido Centro Espírita, sito á Rua Irmã Serafina, nº 674.

Afirmando - nos que o trabalho no bem é a nossa única diretriz; de que a Doutrina Espírita não é legenda de simples convicção, mas apelo ao serviço de nosso próprio burilamento, escola de perfeição, oficina de luta, campo de benção; de que a maioria dos

espíritas desencarnados, acusando balanço deficitário, se queixam de tempo perdido, roga aos companheiros de ideal de Campinas e a todos nós, a divulgação da Doutrina, de ânimo forte, ajudando os jovens espíritas – “nosso filho do coração” -, os futuros dirigentes das Casas Espíritas, deixando claro que o triunfo de nossa causa, em tudo, “é a causa do Evangelho Renovador”.

Que possamos repetir-lhes estas palavras de incentivo, pelo menos mentalmente, ás pessoas que partilham conosco a Seara de Luz do Espiritismo:

- Meus amigos, meus amigos, trabalhemos e trabalhemos.

MENSAGEM I

Querida Amália e queridos filhos, partilho as preces desta forma, rogando a Jesus nos abençoe.

Creio instalar-me no quadro dos pais mais felizes em observando o carinho que me dedicam à memória.

Reconheço, hoje mais do que nunca, que a morte é um despojamento de tudo o que se acredita possuir no campo exterior da vida, mas as riquezas do coração permanecem intactas.

O amor que o Pai Supremo nos deu a cultivar prossegue produzindo mais amor, infinitamente.

Agradeço por tudo.

Aniversário de renascimento, efetivamente, é uma festa.

A recuperação do corpo doente para quem se desvencilha de semelhante veículo, quando estragado, merece regozijo.

Compareço aqui com meus amigos a quem me entrosei para o trabalho novo em que me encontro, e a nossa união nas lembranças mais íntimas significa em meu favor comemoração das mais ricas.

Vocês, filhos queridos, com a nossa Amália, me auxiliam naquele dia-a-dia da liberação, à maneira de benfeitores inesquecíveis, escorando-me passo a passo, afim de que nenhuma transformação violenta me interrompesse o desligamento calmo e gradativo do carro pesado em que transitei por aí, por tanto tempo, e ainda me estendem os corações e os braços para que me retome aqui, na serenidade precisa.

Quero corresponder ao amparo que me dispensaram, e peço a Deus me conceda a felicidade de ofertar-lhes meus serviços na pessoa do próximo, tentando solver os meus débitos de gratidão.

De principio, na Espiritualidade, é a recomposição da paz em família o assunto que nos torna de inesperado o coração, compelindo-nos a buscar o melhor meio para atingir esses fins.

Feito isso, registramos em nós próprios a necessidade do trabalho, de modo a nos afastamos da inércia que, se acalenta, se transforma em aflição inútil.

Graças a Deus, apoiando-me em vocês, consegui incorporar-me à equipe de ação, na qual vamos efetuando o possível no socorro e na colaboração, a benefício dos nossos irmãos que sofrem problemas e provocações maiores do que os nossos.

Nesse ponto de minha renovação nada tenho que me queixar, porque, com mais penetração, acompanho atualmente o sofrimento de muitos companheiros da Humanidade, destacando a Bondade de Deus que me agraciou com tantas bênçãos.

Assinalando a carência e a desventura de tantos, encontrei uma escola de transformação íntima, cujo mérito nos atinge de tal modo, que acabamos por fazer um curso desconhecido na Terra: o curso de agradecimento, em cujas lições reconheçamos a extensão de nossas dívidas para com os outros, dívidas essas que se medem pelo tamanho dos bens que usufruímos ainda mesmo inconscientemente; peço por isso, a vocês todos prestigiarem as oportunidades de fazer o bem possível.

Não preciso citar lições de benevolência para vocês, a esposa querida e os filhos amados que sempre foram meus professores de bondade e compreensão.

A fim de desfrutar a presença de Amália em meus novos caminhos e permanecer na vizinhança espiritual de vocês, aceitei encargos e serviços da própria gleba que me serviu de moradia e, assim, vocês podem imaginar o que vou aprendendo em nossa própria Uberaba, em cujas bênçãos sempre vivi.

Evidentemente estou satisfeito, como não poderia deixar de ser, no entanto, é preciso aproveitar estes minutos para pedir-lhes a continuidade dos diálogos construtivos com os filhos e meus netos, chamados a viver numa época bastante diversa daquela em que estive na convivência de vocês.

Os filhos situados em outras cidades, quanto possível, me auxiliem e me ouçam também.

Não quero vestir a roupa de conselheiro religioso para comentar semelhantes preocupações.

Acontece que vocês atravessam uma época de muita insatisfação e de muito desespero, gerando violência e lutas, muitas vezes, desnecessárias.

Que a paciência e a calma estejam em nossos meninos e que a paz seja preservada, em nosso favor, quanto possível.

Digo isto porque, ligado entranhadamente à família, as inquietações e as alegrias, as esperanças e dores de cada um dos nossos, são também minhas.

De nossa parte, o nosso grupo de ação está firme e pronto à colaboração, em auxílio a todos, quanto nos faça possível.

Agradeço à Wália e à Vitória por terem vindo às nossas preces.

O nosso prezado Edmundo está presente e comunica à nossa Vitória que vem trabalhando com dedicação do auxílio aos outros, a fim de escrever-lhe, oportunamente, uma carta de muito carinho, através da qual não pareça unicamente um namorado fazendo serenata para a companheira, e sim também na posição de um colega de serviço, serviço esse no qual procura ele, presentemente, ombrear com ela nos mesmos propósitos de servir aos necessitados e de iluminar-se espiritualmente.

Agradeço muito ao Eurípedes e ao Mainho por todas as lembranças que me dirigem.

Reconheço que possa ainda tão pouco, mas sempre que nos solicitarem concurso fraterno, conservem a certeza de que estaremos no quadro de ação em que estiverem.

Querida Amália, compreendo todas as dificuldades espirituais que os nossos filhos, em diversos setores, atualmente atravessam.

E creia que lhe compartilho do único instrumento de que dispomos a fim de auxiliá-los: - a oração -, com a qual pedimos a Jesus os inspire e abençoe.

Todos os filhos e netos supostos ausentes aqui, se encontram conosco pela imagem, e agradeço a todos, inclusive às noras e aos genros, pelo apoio incessante que nos oferecem.

Muitos amigos, além do Carvalho, do Maciel e do Odilon estão conosco e todos lhes deixam muito carinho e agradecimentos.

Querida Amália, não se sinta abatida ou triste.

Permaneceremos juntos sempre.

Agradeço a você e aos filhos queridos a determinação de conservarmos esta casa sob a sua direção, porque isso me faz muito bem, reconhecendo que o seu coração é o ponto de encontro para todos os nossos familiares.

Deus os abençoe a todos.

Os nossos queridos pais Miguel e Dona Maria estão aqui.

O meu pai João Lício, igualmente.

A mamãe, no entanto está velando pelo seu Walfredo, ainda em luta para retornar-se totalmente.

A irmã Olinda deixa-lhes muito carinho.

Registro os meus agradecimentos aos meus amigos que oram conosco; são companheiros de jornada que prezo com todo o meu coração reconhecido.

Amália, mais uma vez, peço a sua tranqüilidade e o seu bom ânimo.

A vida pede esperança e otimismo, porque, apesar dos espíritos e das provações que marcam as estradas da Terra, as bênçãos de Deus, em nosso auxílio, nunca falham.

A cada filho, deixo o meu carinho e o meu reconhecimento de pai.

Deus nos proteja a todos.

Agora, para terminar, ainda é com a nossa querida Amália o meu principal assunto.

O aspirante a poeta não morreu em meu íntimo e o noivo de outros tempos ainda consegue imaginar galanteios para a escolha que ama tanto.

Recebe, pois, Amália querida, esta simples lembrança, formada de palavras e sentimentos, e impregnada de muito amor.

Se guardaste em minhas mãos
A luz da Força Divina,
Mandava fazer estrelas
Dos olhos desta menina.

Adorei muitas Marias,
Entre passeios e bodas;
No entanto, a menina Amália
Ficou por cima de todas.

Ela é meu sonho e meu pão,
Minha Luz e minha prece;
Jamais consigo esquece-la,
Ainda mesmo se quisesse.

Gosto muito de meus filhos
Com eles, Wállia e Laís,
Porém, é junto de minha Amália,
Que me vejo mais feliz.

Quem é que diz que morri
Se mais vivo me apresento?
Estando perto de Amália,
Tenho o Céu no pensamento.

Sou muito grata a Jesus
Na sorte a que me destina,
Pois sou o feliz escravo
Dos olhos desta menina.

Por aqui, estou no ponto final.

Nada tenho a pedir, porque só me cabe agradecer a felicidade que recebo.

Ainda assim, se posso registrar uma solicitação com o mais alto bom humor, rogo ao nosso Eurípedes para que me arranje uns lápis melhores da próxima vez.

Custei a manejar estes palitos grossos que nada querem com escrita e papel.

Amália querida, para você, para os filhos queridos, pra os queridos netos e para todos os nossos amigos, os agradecimentos a todos, deixando aqui, especialmente para você, muitos beijos do seu, sempre seu

Waldemar

MENSAGEM II

Querida Amália e queridos filhos, peço ao Senhor nos abençoe.

Comovo-me o silêncio na prece de vocês, lembrando o amigo e pai, hoje e sempre, o servidor reconhecido.

Sinto-me, através da memória, à maneira de uma figura reintegrada na moldura de que já se desvencilhou, há bastante tempo.

Observo, porém, que o amor é invariável e que estamos todos num diálogo de família, lastimando, de minha parte, seja eu – o dono aparente de monólogo escrito, sem possibilidade de entrosá-los em nossa conversação.

Ainda assim, é indispensável reconhecer que existem leis e princípios a que somos impelidos a acatar e vou conversando...

Amália, muito grato por sua dedicação.

A estrutura deste quarto, em que oramos, sem maiores alterações, é o símbolo de seu devotamento de Esposa e Companheira, mantendo o ambiente espiritual dos dias últimos em experimentei a fase terminal de minha travessia da vida física, de modo a retornar-me em outro nível.

Filhos queridos, falar-lhes ao coração, qual desejaria, é algo impraticável para mim.

O tempo avançou sobre as estradas que nos cabiam trilhar, os netos queridos se nos fizeram associados na firma de ordem familiar e compreendo que não me compete outra linguagem senão aquela do amigo e do irmão, de partilha com o trabalho que escolheram nos encargos que desempenham com o melhor que se lhes faz possível oferecer ao contexto das obrigações, em que se instalam.

Pelos fios do pensamento do nosso Walmir, João, Laius e as filhas queridas estão presentes à nossa reunião de paz e amor.

O Waldir, o Eurípedes e o Marinho fazem a representação geral e rejubilo-me com a nossa Amália por vê-los bem dispostos e atentos no campo das responsabilidades a que se ajustam.

À medida que os dias se desdobram aqui, na Vida Espiritual, reconhecemos que o entendimento se nos amplia constantemente e por isso sentimo-nos mais companheiros do

caminho do que parentes pela consangüinidade, com o propósito de opinar nesse ou aquele campo de luta.

Para que não venhamos a solenizar demasiado o nosso encontro, recordemos, Amália e eu, do tempo em que os tínhamos na condição de crianças com a disposição de decretar repreensões e conselhos ásperos, em horas difíceis...

Conforme observam, todos crescem e provavelmente, somos agora, Amália e eu, os meninos que lhes recorrem as pereceres e avisos para acertarmos com o rumo desejável nas veredas do mundo que se vão complicando, de certo, para nosso benefício gera.

Se aguardam do companheiro paternas determinados lembretes, não se aflijam por isso.

Não tenho novidades a relacionar e se lhes posso pedir algo de novo, tomo a liberdade de solicitar-lhes para que não me aceitem como modelo a seguir, de vez que conheço de sobra as dificuldades para harmonizarmos na Terra, teoria e ação, ensinamento e prática.

Prossigam adiante com a nobreza de intenções que lhes anoto, a cada passo, e procuremos nós todos em questões de relacionamento, o cultivo daquele tato fraterno que nos imuniza contra muitas calamidades individuais.

Caminhar sempre fazendo o melhor que pudermos, sem nos esquecermos da nossa condição de humanidade sujeita a erros e enfermos que terminam por lições valiosas em nosso proveito.

Por aqui, não temos grande diferença no padrão de vivência e luta.

Sem dúvida, que certas transformações nos colhem de surpresa, impondo-nos certas alterações que os nossos mentores da Vida Maior nos auxiliam a conduzir para o bem, mas é preciso registrar que o nosso espanto máximo (pelo menos é isso que se deu comigo), o nosso espanto máximo é o reencontro conosco, nas mesmas características de personalidade que nos identificam o mundo.

Antigamente, indagava de mim próprio, por que motivo os mensageiros espirituais nos falavam tão repetidamente e tão alto da necessidade de trabalho e de renovação intima.

Aqui, felizmente, reconheci para logo que trazemos para o Mais Além aquilo que somos e o que fizemos de nós.

E em meu caso, o que mais me doeu é que não pude formular qualquer racionalização, com respeito ao tempo, de vez que muito tempo me foi concedido para realizar o que devia.

Não me veja, aqui esnobando humildade ou modéstia que ainda não adquiri.

Expresso-me, ao modo de um viajante que alinha as próprias notícias, para entes amados, sem qualquer inclinação à fantasia.

Sei que todos são criaturas de ação, à frente das realidades da vida, no entanto, quanto se lhes faça possível, cobrem de vocês mais serviço e mais ajustamento aos princípios que abraçamos.

Isso é importante.

Quanto ao mais, viviam e existência humana, sem se violentarem, a não ser no culto da disciplina, ante os compromissos assumidos.

Agradeço a vocês todos quanto fazem pela tranqüilidade de nossa Amália, que encontra em vocês e em nossas filhas a continuidade de nossa convivência a dois, repentinamente modificada por força da desencarnação, que me trouxe a outros quadros e experiências.

Tenho seguido todos os eventos familiares e felicito carinhosamente as noras, filhas que o Senhor nos concedeu.

Os netos seguem orientação sadia e, quanto puderem, não lhes soneguem as conversações sobre a fé, porquanto, se o progresso material, está alcançando culminâncias, o progresso por dentro de nós se marca por extrema lentidão e a verdade é que todos nós, no mundo físico, seremos testados em desafios diversos à nossa capacidade de crer, servir, trabalhar e esperar.

Acompanho o nosso caro Eduardo no retorno à Espiritualidade Maior, e não preciso dizer que ele vem merecendo atenções e cuidados especiais, segundo os méritos por ele mesmo adquiridos.

A nossa Laís tem sido forte, mas precisa reconstruir as próprias energias combalidas com a modificação havida, quando e quanto possível; digam a ela que não seria justo prolongar tratamentos e constrangimentos físicos inúteis para o nosso irmão que voltou.

Foi concebido a ele o melhor do que se refere às medidas de liberação do Plano Físico e, em breve esperamos esteja ele retornando a posição de amigo e companheiro na sustentação do lar.

Compreendo que o nosso caro Waldir está presentemente sob a imposição de encargos diversos e, sem dúvida, seria compreensível nos alongássemos quanto à complexidade dos deveres em cujo centro foi situado pelas circunstâncias.

Entretanto, meu filho, conserve a riqueza da sua consciência tranqüila, no campo dos problemas a que se vê quase que incessantemente chamado, e sigamos para frente; em matéria de ideais político-sociais, de nossa parte, unicamente percebemos que as questões do mundo em transição se fazem enigmas de decifração muito difícil, e não nos sentimos inclinados a transitar nesse terreno escorregadio, que ainda faz parte do trabalho de todos vocês, que prosseguem nas atividades a que a Providência Divina os vinculou, transitoriamente na Terra.

Toda discrição é necessária e toda serenidade se nos torna precisa, a fim de marcharmos no trote dos dias, sem maiores atropelos.

Ignoro se, na condição de desencarnados, somos figurações ausentes do carteado de proposições e provações da Terra ou se somos pessoas que se viram repentinamente sob um regime de autocensura, difícil de descrever.

Por isso contentamo-nos em pedir-lhes calma e paciência na viagem do mundo, à maneira de motoristas ou pedestres constantemente atentos aos sinais de trânsito.

O próprio trânsito é uma escola, e sei que vocês não se esquecem disso.

A nossa Vitória vem recebendo assistência especial do nosso prezado Edmundo, presente em nossa reunião, e esperamos que ela própria continue agindo em nosso auxílio, para que se nos faça possível auxiliá-la.

Convêm não aceitar entrevistas com tristezas e apreensões que acabam somando angustia desnecessária.

Isso é uma observação válida para nós todos.

Agradeço a presença de nossas queridas filhas pelo coração, Rosa e Regina, tanto quanto a atenção carinhosa de nossas irmãs Dinah, Norma, Dagmar, Zilda e quantos corações amigos se nos associam, especialmente com nossa Amália nas preces desta noite.

A Patrícia fica sendo a representante do nosso novo mundo para o qual estamos caminhando a passos rápidos.

Não devo e nem posso esquecer a gentileza do amigo que se tornou um companheiro valioso de trabalho para o nosso Waldir.

Quanto mais, perdoem-me nas omissões.

A citação de nomes, às vezes, é um embaraço forte para quem deseja ser simples tanto quanto possível.

Lá me vem ao pensamento a presença do nosso amigo Weaker, que não posso me furtar ao prazer de mencionar, tanto quanto os amigos Celso Meirelles e estimada esposa, que nos compartilham do entendimento amigo desta noite.

Em nossa companhia, estão muitos amigos, incluindo o nosso caro João Lício, o nosso devotado Bembem, o Terêncio, o Odilon, o David, o Telésforo, o Lóes, e os nossos queridos amigos Miguel e Dona Maria, a nossa irmã Olinda; a irmã Francisca, sempre dedicada às tarefas de nossa estimada Rosa; o nosso Edmundo com a irmã que acompanham Vitória com muito desvelo na presente fase de recuperação, e amigos outros, companheiros que dividem conosco o reconforto da oração.

E agora, Dona Amália, qual será nosso assunto mais indicado?

Já sei que deixamos o mundo de lado para refletir em nosso amor, sempre amor.

Nos seus momentos de meditação, não se veja sozinha.

Apesar dos irmãos infelizes que nos penetram a casa, quando de sua ligeira ausência por necessidades familiares, saiba que estou presente, salvaguardando, quanto possível, os nossos pertences e lembranças domésticas.

Não perca tempo com apreensões e saibamos viver com esperança e otimismo, confiança e alegria.

Não posso desenhar letras e mais letras que me exponham os sentimentos e,por isso, filhos queridos e amigos abençoados, com as minhas expressões de carinho para a nossa querida Amália, terminarei este meu relatório afetivo.

Creiam-me vivo e observem que, apesar das recordações em família, admito que falei o mínimo acerca da entidade imaginária a que emprestamos o nome de morte, estamos todos em plena vida e peço ao Senhor nos mantenha a todos unidos nos mesmos laços de confiança recíproca.

Agora, vejamos se posso impor alguma recessão ao movimento do lápis, de vez que me proponho a terminar esta carta com o carinho que nossa querida Amália nos merece.

No desejo de exaltar
A minha Amália querida,
Quero dizer que ela é sempre
A força de minha vida.

Os nossos filhos e netos
São vasos de luz e ouro;
No entanto, Amália, você
Será sempre meu tesouro.

Vejo os céus brilhando ao longe,
E conto estrelas aos molhos,
Mas a luza de meu caminho
É a menina de meus olhos.

Querida Amália, em seu querido coração os meus agradecimentos a todos os nossos.

Muitas lembranças à Laís e Wállia.

E receba, querida companheira, todo o carinho e toda a agratidão do Esposo e Amigo, companheiro e servidor sempre seu,

Waldemar

MENSAGEM III

Querida Amália e queridos filhos Deus os abençoe.

Estamos juntos como sempre.

As histórias da desencarnação entram igualmente na rotina.

Uma rotina construtiva porquanto está sempre repleta se serviço para os que estimam trabalhar.

Para os que fogem de servir, as diferenças não existem.

Para esses companheiros, tanto vale a existência quase irresponsável no corpo físico, a que nos habituamos no mundo, quanto a continuidade da vida por aqui, onde se nos apuram a sensibilidade e a compreensão.

Mas estamos unidos para construir e não nos será lícito perder o fio de nossas considerações, em nosso culto doméstico da oração.

Tenho estado sempre com os familiares, especialmente com a nossa Amália, cooperando, quanto se me faz possível, para que a harmonia nos presida as manifestações.

Estou firme.

Ampliei nestes tempos últimos a minha faixa de entendimento, mas não perdi o gosto pelas observações leves, nas quais a ironia pode parecer presente.

Entretanto, a ironia não está, como nunca esteve, em minhas intenções.

Desejo, por isso, destacar que, não obstante os progressos evidentes da Medicina, a natureza segue com os seus processos inexoráveis de mutação.

A Regina, a Fátima, a Patrícia, a Miriam estão aí representando a fase primaveril da existência, mas nós outros, já caminhamos adiante no rumo de outras estações.

Ver a Patrícia de ontem e a de hoje, será espantar-nos com a beleza da vida.

Pequenina, em nossos braços, ainda ontem, hoje retornou a posição devida às jovens que se candidatam para os concursos de beleza.

È isso mesmo.

Tudo, no entanto, vai se transfigurando.

A nossa querida Amália e a nossa estimada Vitória, estão presentemente na fase das terapêuticas.

Terapêutica para conservar a normalidade orgânica, terapêutica para viver em paz com o próprio corpo, e os dias vão se seguindo, terapêutica para viver em paz com o próprio corpo, e os dias vão seguindo...

Isso pode facultar-lhes a medida de minhas próprias mudanças.

Posso freqüentar cursos de rejuvenescimento e clínicas de reajuste mental, entretanto, não desejo parecer alguém competindo nos concursos de vitalidade, porque não quero ser moço sem Amália ao meu lado, e já que precisamos dela em vida longa ao lado de vocês, na

condição de nossa orientadora em família, tanto quanto na comunidade que é nossa, creio que será indispensável a minha decisão de continuar “Waldemar envelhecendo”...

Notem que isso é amor, mesmo, porém Amália merece.

A querida companheira tem vivido em função de nossa felicidade e por muitas sejam, aqui, na Vida Espiritual, as minhas abstenções se certas vantagens, isso nada representa em confronto com a renúncia total que a nossa querida Amália tem vivido e está vivendo, apoiando-nos a existência e o próprio bem estar.

Ocorre o mesmo com os filhos amigos, em matéria de ação, de vez que, sempre que isso se me faz possível, eis-me ao lado de cada um, com os amigos de que me possa valer para colaborar com vocês, nos setores de atividade profissional a que se dedicam.

Eurípedes, Mainho, Valmir, Waldir e os outros todos, incluindo as filhas queridas, são laços que me prendem ao cotidiano da Terra, aliás, sem qualquer sacrifício, porque pais e mães do mundo não se desvencilham facilmente desse apego compreensível a que nos vinculamos, depois de atravessar a barreira da Grande Mudança.

Vocês me perdoarão se é assim, no entanto, não poderia ser de outro modo.

O espírito de sequência rege a vida e não seria justo que nos desligássemos da família com a indiferença da tomada de força elétrica.

Deus nos criou pra amar-nos uns aos outros, e segundo creio para amar-nos muito mais profundamente, quando estejamos jungidos aos compromissos do lar.

Desse modo, querida Amália,conforme você mesma pode observar, as forças da afetividade prosseguem atuando em nós, por aqui, com inimaginável poder.

Agradeço a todos os filhos as alegrias que me proporcionam, especialmente, no capítulo da sustentação de suas energias para a manutenção de nosso comboio doméstico.

Graças a Deus, os filhos nos querem bem e são todos companheiros incondicionais de nossa tranqüilidade possível.

Peço o mesmo aos nossos médicos, velarem por sua saúde e pela saúde de nossa Vitória, que vem atravessando o rio das dificuldades orgânicas, para um reajustamento integral.

O nosso Edmundo tem feito quanto se lhe faz possível, a fim de vê-la de ânimo fortalecido, e com alegria recuperada, de forma integral, para viver tão feliz quanto tem sido.

Solicitamos de nossa Vitória a certeza de que não existem obstáculos permanentes e chegará o instante em que seremos surpreendidos com a felicidade de tê-la conosco, tão otimista como sempre foi.

Compreendo muito dos entraves de que vocês são vítimas, na atualidade.

Ao que me parece, a Terra vem passando por tremendo arrocho em todas as classes e em todas as situações de vivência e convivência.

Acompanhamos a luta a que todos os amigos se reconhecem atirados, e pedimos a Deus para que vocês todos saibam enfrentar sem queixas desnecessárias, os problemas da chamada recessão.

Tem-se a impressão de que todas as pessoas foram intimadas no mundo de agora, a fazer mais com o menos e, nessa difícil operação, é muito difícil conservar a paz com a onda crescente dos preços e das exigências, sempre mais constrangedoras para a vida de todos.

Enfim, os obstáculos são nossos e precisamos entesourar forças, a fim de superá-los com paciência e valor.

Nossos esforços se conjugam e prosseguimos unidos para facear os quadros que vão surgindo à nossa frente.

A nossa Vitória apresenta melhoras apreciáveis e a nossa querida Amália tem sabido vencer os achaques e seguir, adiante, com a firmeza de convicções que lhe conhecemos.

Com os amigos Odilon, Maciel e Carvalho vamos agindo e procurando servir nas áreas de realizações que nos foi confiada, e estamos tranqüilos, na boa luta por uma vida melhor pra os nossos descendentes e companheiros da experiência comum.

Felizmente, companheiros unidos onde somos convidados a colaborar, e isso representa muita alegria em cada um de nós.

Dos nossos, por aqui, as notícias são razoáveis.

Não preciso falar da dedicação de meus sogros amigos.

Quero apenas dizer-lhes que o nosso Walfredo tem estado sob a direção de nosso pai João Lício, que o nosso Eduardo vem refazendo energias e o que mais me impressiona nessa matéria de assistência entre os chamados mortos e os chamados vivos, é que se meu pai está consagrado à melhoras do Walfredo, aqui na Espiritualidade, a Mãezinha Nenê se desvaleia com carinho igual em favor de nosso Odilon, ainda no mundo.

Ambos os irmãos revelam características quase idênticas.

O nosso Walfredo ainda pensa em regime de penumbra, do Além, para a Terra, e o nosso Odilon reflete quase que no mesmo regime de penumbra, do Plano Físico para cá.

Conclusão: muita gente, ainda no mundo, está na situação dos desencarnados que anseiam pela benção do discernimento em si mesmos.

E nada se pode fazer senão entregarmos todos à proteção da Divina Bondade, porque o tempo é o fator principal, para as melhoras de cada um de nós, a luta é esta e não dá outra.

Agradecemos a vocês pelas lembranças dos nossos Outubros e Janeiros, os tópicos do calendário que mais alto nos falam ao coração de nossa Amália e a mim mesmo.

Sigamos tão unidos para a frente, como se nos faça possível.

Estamos com o Valmir em Bauru, tanto quanto com o nosso Waldir em Belo Horizonte, e com os demais nos pontos de serviço a que se acolhem.

Nesse sentido, estivemos com os nosso queridos Eurípedes e Regina, em Camp Chesterfield e nos demais setores da passagem dos, através da América.

Vocês não avaliam o que seja a barreira dos idiomas.

Na América, percebi isto com clareza, porque não pude conversar com alguns amigos espirituais, senão por alguns lances de telepatias.

Pronunciar nomes é um ajuste quase impossível.

Muita gente acredita que a morte nos fornece diplomas de “vida sabe tudo”, mas não é assim.

Qualquer conquista cultural há de ser trabalhada e sofrida pelos que a desejarem possuir.

Mas, felizmente, tudo passou e o meu nome, silabado numa cartilha de nosso Mobral, pode ser sonorizado como esperava.

Vocês todos cuidem da saúde de vocês mesmos.

Nada de brechas.

Grandes males entram por frestas pequeninas e necessitamos aprender isso.

Espero que vocês não estejam interessados em minhas opiniões sobre o Brasil.

A Nação está doente e todos devemos algo faze, a fim de reestruturar-lhe as energias.

Não sendo políticos, o terreno nos diz respeito, e assim, sabemos pensar com acerto, formulando preces para o bem geral.

E, por referir-nos às preces, executando Amália que está comigo nas meditações e orações permanentes, noto que vocês poderiam emprestar mais tempo ao cultivo da prece, em favor de vocês mesmos, entretanto, sou eu mesmo a reconhecer que para vocês, na atualidade, isso não é tão fácil.

Em todo caso, é útil recordar que um dia de mais oração aparece sempre a requisitar-nos calma e coragem e se cultivarmos essa benção com mais regularidade, ela funcionará mais eficientemente, quando precisarmos dela, em problemas pessoais.

Ainda assim, nada tenho a observar.

Vocês vivam como melhor lhes pareça.

Isso é o que está certo.

Agradeço a presença de nossa estimada amiga e irmã Dona Odete, companheira dedicada no jardim de nossa amizade.

E vou terminar, consagrando à nossa querida Amália, algumas notas para não perder o costume.

À minha querida Amália:
Depois de muito lutar,
Eis a verdade a que chego,
Desde o momento em que a vi.
Nunca mais tve sossego.
A razão de tanto afeto,
Eu mesmo não sei porque,
Pois servindo ou descansando,
Não me esqueço de você.
Você é minha cachaça,
Na Terra e no Mais Além...
Quanto mais o tempo passa,
Mais amo a você, meu bem.

Antes do ponto final, o nosso pensamento em nossa Lais para dizer-lhe que o Eduardo está convalescendo... sempre melhorando.

E lembranças a todos.

Quem faz o que pode a mais não é obrigado.

Fico aqui, com muito carinho aos filhos e netos, noras-filhas e filhos-genros, deixando para a nossa querida Amália o coração inteiro seu.

Waldemar
Waldemar
Waldemar
Waldemar

Co-autor espiritual do livro Quem são – págs 28-54 -, Sr. Waldemar Vieira nasceu em Campos, Estado do Rio de Janeiro, a 8 de janeiro de 1898, e desencarnou em Uberaba, a 18 de outubro de 1977, em conseqüência de um acidente vascular cerebral, seis anos antes, e fratura de fêmur, sete meses antes de retornar à Pátria Verdadeira.

Entusiasta da Eletrônica, foi um dos fundadores da PRE-5 – Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro e da Escola Técnica de Comércio José Bonifácio, espírita convicto e médium passista dos mais dedicados.

Casado, em segundas núpcias, com D. Amália Tahan Vieira, residente em Uberaba, à Rua Senador Pena, 42, Fone: 332-1731.

Mensagem I, recebida a 19 de Outubro de 1980.

A tonica é a mesma das páginas anteriores – um Espírito ligado estranhamente à família, integrante da Legião dos Obreiros do Bem, volta à pedir à esposa – D. Amália – para continuar firme na sustentação do lar, abençoando os filhos, genros, noras e netos, e reafirmando que o trabalho, até o limite de nossas forças, nos afasta da inércia, que, se acalentada, se transforma em aflição inútil.

Refere-se ao novo curso, desconhecido na Terra, que acabou de fazer, o do agradecimento, por verificar, na prática, que Fora da Caridade não há salvação.

Explica, mais uma vez, a razão pela qual optou pela situação de pai-preto.

Não pretendendo envergar a roupa de conselheiro religioso, reconhece que nós, aqui do plano da matéria densa, atravessamos uma época de muita insatisfação e de muito desespero, rogando-nos paciência e calma.

1 – Wália, Vitória e Edmundo: a) Sra. Wália Vieira Bastos, filha, casada com Dr. José Francisco Bastos Silva, Delegado Seccional, em Araraquara, Estado de São Paulo;

b) Sra. Vitória Tahan Mendes, irmã de D. Amália, residente em Uberaba;

c) Sr. Edmundo Mendes, marido de D. Vitória, nascido e desencarnado em Uberaba, respectivamente, a 20 de fevereiro e 1905 e 14 de junho de 1970, um dos participantes de Horas de Luz – págs. 42-52.

2 – Eurípedes e Mainho: a) Dr. Eurípedes Tahan Vieira, Cirurgião Geral e Gastroenterologista de renome internacional, professor da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, de Uberaba, e médico assistente do médium Chico Xavier;

b) Dr. Waldemar Vieira Júnior, distinto cirurgião plástico e professor universitário, residente em Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Sobre o Mainho, relembramos ao prezado leitor que nas duas mensagens que se encontram em Quem São, o Espírito grafou Main, conforme pudemos constatar nos próprios originais mediúnicos, e só na mensagem acima, a terceira, Mainho.

A nosso ver, este é um ponto alto de autenticidade, porque somente ele – Sr. Waldemar -, quando no mundo, tinha esse costume de chamar o filho, ora de um, ora de outro modo.

3 - Carvalho, Maciel e Odilon. a) David de Carvalho, nascido em Redinha, Portugal, a 27 de janeiro de 1899, e desencarnado em Uberaba, a 13 de setembro de 1965, farmacêutico;

b) Francisco Maciel nasceu e desencarnou em Uberaba, respectivamente, a 8 de Abril de 1900 a 10 de Janeiro de 1971, comerciante, ex Juiz de Paz e Avaliador do Banco do Brasil S.A.;

c) Dr. Odilon Fernandes nasceu em São João de Capivari, Estado de São Paulo, a 10 de outubro de 1903, desencarnando em Guarulhos, SP, a 13 de Janeiro de 1973, cirurgião-dentista, professor universitário, médium espírita de efeitos físicos e fundador do Centro Espírita – Casa do Cinza -, de Uberaba, em homenagem ao pai, Sr. Ludovice Fernandes (Cinza).

4 - Miguel; Dona Maria; João Licio; Walfredo e Oçinda: a) Sr Ragueb Tahan, conhecido por Miguel, pai de D. Amália, nascido na Síria, e desencarnado em Uberaba, a 26 de Abril de 1955;

b) Dona Maria Than, senhora mãe de D. Amália, nascida também na Síria, e desencarnada em Uberaba, a 30 de Janeiro de 1956;

c) João Lício Vieira, pai do comunicante, nasceu em Iguape, Estado de São Paulo, e desencarnou em Uberaba, a 28 de dezembro de 1917, ex-chefe do Telégrafo, dos mais respeitados;

d) pela primeira vez, presta o Sr. Waldemar informes sobre o seu irmão Walfredo Vieira, que nasceu em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1900 e desencarnou em Uberaba, a 4 de maio de 1980, e sobre sua cunhada, irmã de D. Amália,

e) Sra. Olinda Tahan Engrácia de Oliveira, que nasceu em Santos, Estado de São Paulo, a 6 de novembro de 1904, desencarnando a 19 de maio de 1977, em Ribeirão Preto, SP.

Depois de rogar, mais uma vez, à D. Amália, a sua tranqüilidade e o seu bom ânimo, já que a vida pede esperança e otimismo, enfatizando que as bênçãos de Deus, em nosso auxílio, nunca falham, o poeta autêntico de hoje e noivo do outros tempos, consegue imaginar galanteios para a escolhida que tanto ama,vazados em belíssimo poema de versos setissílabos.

Finalmente, a pitada do mais alto bom humor, destinada ao filho Eurípedes, encenando a mensagem que tantos esclarecimentos nos trouxe, reafirmando, de forma categórica, que a vida continua além do túmulo.

Mensagem II, recebida a 24 de outubro de 1982.

1 - Walmir, João Laius: a) Dr. Walmir Tahan Vieira, cirurgião-dentista e professor universitário, residente em Uberlândia, Minas:

b) João Lício Vieira Neto, residente em São Paulo, Capital, distinto funcionário da Philips;

c) Latus Fernandes Vieira Neto, residente na Capital Bandeirantes.

2 - Waldir: Dr. Waldir Vieira, Procurador Geral da Justiça em Minas Gerais e professor universitário, residente em Belo Horizonte.

3 - Eduardo e Laís: a) Eduardo Tahan, genro e cunhado do comunicante, desencarnado em São Paulo, capital, a 10 de Outubro de 1982.

b) Sra. Laís Vieira Tahanm esposa do Sr. Eduardo Tahan, residente na Capital Paulista, filha do Sr. Waldemar Vieira.

4 - Rosa e Regina; Dinah; Norma; Dagmar; Zilda e Patrícia: a) Sra. Rosa Vieira, esposa do Dr. Waldir Vieira, residente em Belo Horizonte;

b) Sra. Regina Gonçalves Vieira, esposa do Dr. Eurípedes Tahan Vieira, residente em Uberaba;

c) Sra. Dinah Rezende Gonçalves, sogra do Dr. Eurípedes Tahan Vieira e mãe de D. Regina;

d) Sra. Norma Soares, residente em Belo Horizonte;

e) Dagmar Aguilhera, residente em Jardinópolis, SP;

f) Zilda Batista, distinta poetisa, esposa do Sr. Weaker Batista, residente em Uberaba;

g) Patrícia Vieira, neta, filha do Dr. Eurípedes Tahan Vieira e de D. Regina.

5 - Weaker; Celso Meirelles; Bembém; Terêncio; Telésforo; Lóes; Francisca; e Rosa;
a) Sr. Weaker Batista, dedicado seareiro do Grupo Espírita da Prece, ao lado do médium Francisco Cândido Xavier;

b) Celso Meirelles, agrônomo de São Paulo, esposo de D. Maria Eunice;

c) Bembém – Alcemiro José Alves -, pai de D. Dinah e avô de D. Regina, tendo desencarnado no mesmo dia em que partiu para a Espiritualidade o Sr. Waldemar Vieira – 18 de Outubro de 1977.

d) Terêncio, Sr. Orlando Nascimento;

e) Telésforo, ex-oficial de Justiça da cidade do Prata, Minas;

f) José Lóes Segundo, grande amigo do comunicante;

g) D. Francisca, avô de D. Rosa, esposas do Dr. Waldir Vieira;

h) D. Rosa Vieira, esposa do Dr. Waldir, residente em Belo Horizonte.

Mensagem III, recebida a 30 de outubro de 1983.

1 - Regina, Fátima, Patrícia e Miriam: netas do comunicante.

2 - "O nosso Walfredo ainda pensa em regime de penumbra, do Além para a Terra, e o nosso Odilon reflete quase que no mesmo regime de penumbra, do Plano Físico para cá. [Conclusão]: muita gente ainda no mundo, está na situação dos desencarnados que anseiam pela bênção do discernimento em si mesmos.": Sr. Odilon Vieira, irmão do Sr. Waldemar, nascido a 8 de julho de 1902 e desencarnado em Uberaba, a 26 de março de 1986, debaixo de acentuado processo de arteriosclerose cerebral".

Importantíssimo este passo, que nos alegra quanto à necessidade do cultivo do espírito, através da prática infatigável do bem, e ao imperativo de vivenciarmos o "orai e vigiai", enquanto estamos a caminho.

3 - "Nesse sentido, estivemos com os nossos queridos Eurípedes e Regina, em Camp Chesterfield e nos demais setores da passagem dos dois, através da América./ Vocês não avaliam o que seja a barreira dos idiomas./ Na América, percebi isto com clareza, porque não pude conversar com os amigos espirituais, senão por alguns lances de telepatia./ Pronunciar nomes é um ajuste quase impossível./ Muita gente acredita que a morte nos fornece diplomas de "vida sabe tudo", mas não é assim./ Qualquer conquista cultural há de ser trabalhada e sofrida pelos que a desejarem possuir./ Mas, felizmente, tudo passou e o meu nome, silabado como numa cartilha do nosso Mobral, pôde ser sonorizado como esperava.". Com efeito, não somente o Dr. Eurípedes Tahan Vieira nos confirmou, pessoalmente, este trecho, mas usa esposa, D. Regina, fez questão de nos fornecer, por escrito, um depoimento sobre o assunto, toa impressionada ficou, naquela noite, no Chesterfield Spiritualist Center, no Estado de Indiana, depois de terem – ela e o Dr. Euripedes – se avistado com o Sr. Dsalim Haddad, (fundador do Christian Spirit Center) P.O. Box 114, Elon College, N.C. 27244, U.S.A.), que, em 1986, editou O Nosso Lar, de André Luiz, através do médium Francisco Cândido Xavier, em inglês – The Astral City – The story of a doctor´s odyssey in the Spirit Word.

Sugerindo ao leitor percorrer as páginas 97-104 do Anuário Espírita 1964 (Ano I, nº1, 1964, IDE, Araras, SP), onde há excelente reportagem de Maria Aparecida Pimentel Gonçalves, intitulada "Chesterfield Spiritualist Camp", transcrevemos o sucinto depoimento de D. Regina:

"No mês de julho de 1983, foi realizada a sessão espírita mencionada pelo meu sogro, Sr. Waldemar Vieira, onde, através de voz direta, meu sogro se comunicou comigo.

Realmente, as dificuldades relatadas pelo Sr. Waldemar, no que diz respeito à barreira da linguagem, foram por mim constatadas.

(a) Regina H.G. Vieira”

4 - “Espero que vocês não estejam interessados em minhas opiniões sobre o Brasil./ A Nação está doente e todos devemos algo fazer, a fim de reestruturar-lhe as energias./ Não sendo políticos, o terreno não nos diz respeito, e assim, sabemos pensar com acerto, formulando preces pelo bem geral.”. Lembrete dos mais oportunos para todos nós que, apesar de já termos lido e compreendido o Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, do Espírito de Humberto de Campos, através do médium Francisco Cândido Xavier, onde tomamos conhecimento dos destinos do Brasil, depois que o Divino Mestre transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro, a árvore magnânima do seu Evangelho, e que Ismael, Espírito de Luz, recebeu das mãos compassíveis do Senhor o laboro que o transformou em zelador dos patrimônios nos Centros Espíritas, mas em nossos redutos domésticos, durante os Cultos de Evangelho no Lar, pelos que detêm as rédeas do Governo, às vezes, com freqüência, entramos nas faixas da crítica destrutiva.

Que possamos, pois, orar pelos outros que nos governam, já que sabemos, através da Doutrina abençoada que esposamos, que a Lei do Merecimento, por ser natural, é uma realidade a que não podemos fugir.

5 - “Agradeço a presença de nossa estimada amiga e irmã Dona Odete, companheira dedicada no jardim de nossa amizade”. Trata-se da vizinha de D. Amália e amiga da família, Sra. Professora Odete Carvalho de Camargos, eximia pianista e fundadora do Instituto Musical Uberabense, cujos trinta anos de serviços prestados à vasta região do Triângulo Mineiro, foram comemorados em 1986, com excelente programa executado pelos seus ex-alunos e o seu brilhante corpo docente.

Que Jesus, o Divino Mestre, possa abençoar o Sr. Waldemar Vieira e todos os demais Autores Espirituais deste livro, na Espiritualidade Maior, dispensando, cada vez mais, saúde ao nosso amigo Chico Xavier, afim de que, a 8 de julho de 1987, possa ele, com todos os seus amigos, encarnados e desencarnados, física e espiritualmente ao seu lado, comemorar o 60º aniversários de suas atividades mediúnicas ininterruptas com Jesus e kardec.

E que cada um de nós, os seus companheiros do ideal espírita-cristão, possa dizer, enternecido:

- Ave Chico Xavier! Os que têm a felicidade de ser teus coetâneos te glorificam e saúdam!